



Lúcio Cardoso Leitor

Ruth Silviano Brandão<sup>1</sup>

Ser leitor é pertencer a uma estranha sociedade de poetas vivos e mortos que quase sempre se conhecem desconhecendo-se, mas que desenvolvem uma singular intimidade fora do tempo. Em espaços nunca dantes navegados ou imaginados. (*A vida escrita*)

Resumo: Este artigo apresenta um levantamento das leituras produzidas por Lúcio Cardoso a partir de suas anotações e marcas deixadas por ele em seus artigos, cartas, diários e textos narrativos.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso, leitura, vida escrita

Abstract: This article presents a survey of readings produced by Lúcio Cardoso from your notes and marks left by him in his articles, letters, diaries and narrative texts.

Keywords: Lúcio Cardoso, lecture, write life

Todo escritor é, antes de tudo, um leitor, pelo menos os escritores que atravessam a tradição literária, que têm suas afinidades, que passeiam pelo texto alheio, dele criando o seu, uma escrita nova que se cria às vezes através de uma citação modificada, de uma leitura que o marca como escritor-leitor, de forma singular, no singular de sua obra e cada obra tem uma assinatura, pois o leitor nasce de suas leituras, sua biblioteca, reinventando sua vida-escrita.

Durante o tempo que venho lendo Lúcio Cardoso, também minhas leituras se enriqueceram com textos alheios que falam dele, com a paixão dos que o lêem e relêem, pesquisando, abrindo novas vertentes de sua obra. Em

---

<sup>1</sup> Ruth Silviano Brandão é professora aposentada da UFMG, escritora, poeta e tradutora.



2012, nas comemorações de seu centenário, descobri, através de outros pesquisadores, textos inéditos do escritor, novas poesias, pinturas que nem todos conhecem, os contos inéditos que Valéria Lamego<sup>2</sup> organizou e os *Diários* de que Écio Macedo Ribeiro<sup>3</sup> fez uma primorosa edição anotada

Como ando interessada em saber como lemos, escrevi e publiquei. em 2011, o livro *Machado de Assis leitor – uma viagem à roda de livros*<sup>4</sup>, em co-autoria, com José Marcos Resende Oliveira, pensei que seria interessante refletir nas leituras de Lúcio Cardoso e em como o escritor lia.

Lembrei-me de uma lista de livros que ele citou em seu *Diário completo*<sup>5</sup>, na edição de 1970, procurei as folhas de papel onde anotei os autores citados pelo escritor, não as encontrei. Guardei-as por tantos anos e onde elas foram parar? Essas coisas acontecem comigo e com muitos leitores: livros que somem, xerox impossíveis de achar, no meio da papelada a que nosso trabalho de professores nos obriga, colocando-nos numa biblioteca de Babel.

Voltou-me à memória a coincidência de que eu também já lera os mesmos livros e pensei em como os escritores acabam por se revelarem nessas afinidades eletivas e afetivas e como transmitimos nossos escritores preferidos a nossos alunos e leitores. Talvez não ensinemos grande coisa, mas

<sup>2</sup>CARDOSO, Lúcio. *Contos da ilha e do continente*. Seleção, organização, notas e prefácio de Valéria Lamego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

<sup>3</sup>CARDOSO. *Diários*. Editados por Écio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

<sup>4</sup>SILVIANO BRANDÃO, Ruth & OLIVEIRA, José Marcos Resende. *Machado de Assis leitor* □ Uma viagem à roda de livros. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011

<sup>5</sup>CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1970.



transmitimos algo. No caso de Lúcio Cardoso, transmitimos nossa paixão por ele, esse escritor também apaixonado pela leitura e pela escrita.

Eis os nomes que anotei há muitos anos atrás e reencontrados recentemente:

Julien Green, Bernanos, Rilke, Faulkner, Byron, Hemingway, Caldwell, Gide. Francis James, Proust, Adonias Filho. Kafka, Claudel, Genet, Bergson, Charles Du Bos, Nietzsche, Péguy, Léon Bloy, Emily Brontë, Amando Fontes, Fernando Pessoa, Shakespeare, François Mauriac, Otávio de Faria, Machado de Assis, Joyce, Virginia Wolf, Graham Greene, Camões, Dostoiévski, Poe, Clarice Lispector, Sartre, Camus, Fulton Sheen, Lima Barreto, Graça Aranha, Castro Alves, Aluísio Azevedo, Jorge Amado, Nelson Rodrigues, Rosário Fusco, Ledo Ivo, Cassiano Ricardo, Dickens, Pascal, Bossuet, Euclides da Cunha, Tristão de Athayde, Mallarmé, T. S. Eliot, Pound, Cornélio Pena, Pushkine, Henry James, Joaquim Nabuco, Hoffmann, Gogol, Melville, Goethe, Maurice Heine, Sade, Sinclair Lewis, Faulkner, Thomas Hardy, Dos Passos, F. S. Fitzgerald, Charles Morgan, Hawthorne, Mario de Andrade, Jorge de Lima Baudelaire, Valéry, Flaubert, Oto Lara Resende.

Em sua obra, Lúcio dialoga com a maioria desses escritores, e, como grande leitor que foi, abriu-se a questões filosóficas que sempre o atormentaram pela vida afora, questões que reaparecem em seus contos, romances e poemas.



Na ocasião de seu centenário, tendo recebido os originais de seus *Diários*, na edição acima referida, comentada por Écio Macedo Ribeiro, abri as páginas do *Diário O*, que vão do ano de 1942 ao ano de 1944 e verifiquei que a primeira obra citada são *Os irmãos Karamazov* de Dostoievski. Imediatamente o leitor dos *Diários* percebe que Lúcio espelha-se no que lê, discute, inflama-se, identifica-se com o escritor russo e seu personagem Sozimo:

Dostoievski não devia crer em Deus. Também eu penso que não creio mais. “Creio, mas ignoro em quê” (Sozimo, ou seja, Dostoievsk), Perder a fé no sentido mais avançado da expressão é coisa que me parece impossível. O nosso ser está intimamente ligado à crença de alguma coisa. Quando não existe fé no absoluto, ou em qualquer coisa que seja, não se tem sensação de ser, de existir.

Creio, logo sou. (D:1)<sup>6</sup>

No meio de uma avalanche de perguntas que o torturam, nosso escritor, num vai e vem de palavras e ideias, luta entre razão e fé (“A razão plena consciente de si mesma é... louca”, diz ele. (D: 50). Assim ele se perde em paradoxos e labirintos, endereçando perguntas a seus escritores prediletos, como Pascal e Nietzsche e aos livros do *Antigo Testamento*. Não cessa de tentar entender as leis, revira as verdades, revira-se, procurando a verdade do sofrimento humano, cujos enigmas dariam apoio a ele próprio.

O que chama de apoio seria a contrapartida ao desamparo humano que busca resolver, com a fé e a ciência, num diálogo às vezes irreverente, às vezes desesperado, como é o de quem luta com sua fé e seu ceticismo,

<sup>6</sup> Quando me referir ao *Diários*, edição organizada por Écio Macedo Ribeiro, usarei, entre parênteses, a sigla *D*, seguida do número da página da citação ou referência.



amarrando-se sempre na primeira. Seu pensamento se constrói por fragmentos, por aforismos às vezes contraditórios ou paradoxais. O escritor estava consciente de certa desordem no que elaborava, apesar de se dizer filósofo: “Quem me lê deve ter uma sensação de ida e volta, de confusão, de barafunda. Não tenho estética em clareza cartesiana, nem mesmo clareza pascalina. Gosto porém de não possuir um estilo “mais bem acabado” (D:45).

Noto agora que não me lembro de algum de seus personagens que lê. Madame Bovary de Flaubert lia e acabou fascinada por outros mundos que não o dela e sabemos como acabou. Pensei em fazer um cotejo entre Lúcio Cardoso e Machado de Assis leitores, mas esse desejo fica para uma pesquisa mais demorada. Entretanto, nada me impede de fazer uma observação que me parece interessante: os personagens de Machado de Assis são leitores e o romance que estão lendo invade seus devaneios, interfere em suas vidas. Na leitura das citações e/ou referências de Machado de Assis, é notável como ele parodia, transforma as citações, criando um novo sentido, produzindo assim uma reflexão sobre o papel da literatura brasileira. Como exemplo, cito o que o escritor faz com a expressão de Pascal “o homem é um caniço pensante”, transformando-a em “o homem é uma errata pensante”, o que muda tudo. Convido-os a ler o capítulo 3, “A fórmula de Pascal é inferior à minha, em *Machado de Assis leitor – uma viagem á roda de livros*.

Os personagens de Lúcio não precisam ir aos livros para viver, já têm vidas tão cheias de paixão ou, ao contrário, de um vazio tão perturbador, que ficam mesmo a ler suas próprias vidas ou a ler o mundo. Lúcio, ao que me



lembre, não produz efeitos novos a partir do que lê, antes dialoga, numa posição *vis a vis* com o que lê. Diria mesmo uma posição imaginária, como se estivesse diante dos seus escritores prediletos e seus personagens. Não recorre a teorias, não tece mediações entre o que lê, mas vai direto às impressões que lhe causam suas leituras.

O gesto de ler é intrinsecamente articulado ao de escrever, mas o ritmo da leitura é desigual, para cada um de nós, leitores. Roland Barthes, em seu *O prazer do texto*<sup>7</sup>, já falava no mergulho do leitor no texto, como um mergulho na água, levantando e abaixando a cabeça. Entre um gesto e outro, o imaginário do leitor invade o livro.

Lembro—me de um retrato de Lúcio, absorto, e assim o imagino a ler, com pausas para a reflexão, como se remoesse as frases lidas e se preparasse para discutir com o personagem ou para construir longos monólogos sobre o que leu. Com quem conversa ele? Conosco? Certamente, não, pois somos leitores virtuais, desconhecidos do escritor, somos uma função.

A distância entre ele e o que lê é pequena, os fatos, impressões ou interpretações têm intensidade afetiva e psíquica enorme. Lúcio era católico, vindo de uma família tradicionalmente católica, entretanto, nos anos 40 e 50, a Igreja estava sofrendo várias transformações e os católicos não tinham mais uma atitude passiva diante de seus dogmas ou suas leis.

---

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977. P. 19.



Autores como Bernanos, Péguy, Bloy, François Mauriac são atravessados por questões de fé e da política da Igreja, que já está perdendo poder sobre a consciência de seus fiéis. Os escritores franceses são intelectuais contestadores, que colaboraram para mudanças na doutrina e na atitude dos padres. Outro escritor, o russo Dostoievski, traz em sua obra questões que beiram aos limites da condição humana, como as questões que Lúcio vivencia, com desespero e paixão, diante dos ditames de uma Igreja que não aceita a condição homossexual, por exemplo.

Não há a distância esperada de um filósofo na atitude do escritor e nem uma coerência que se apóia apenas numa pura razão crítica. Lúcio se compara aos escritores e personagens, espelha-se em seus escritos, como se estivesse diante do que lê, discute, dialoga, hesita, sofre, porque assim ele sempre foi: fiel a sua paixão, o que me permite lembrar a epígrafe de meu livro, *A vida escrita*<sup>8</sup>, em que repito um escritor francês, meu velho amigo, Jean-Michel Rey: “Ler consiste, entre outras coisas, em formar o romance de sua própria existência: essa disparidade em que se encontram acasos, pressões, oportunidades, pontos fixos, variações; em suma, toda espécie de movimentos que se notam sob figuras diferentes, no mais das vezes imprevistas, de um mesmo desejo”

---

<sup>8</sup> SILVIANO BRANDÃO, Ruth. *A vida escrita*. Belo Horizonte: Poslit & Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.



---

Bibliografia:

BARHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CARDOSO, Lúcio. *Diário completo*. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1970.

CARDOSO, Lúcio. *Diários*. Editados por Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, Lúcio. *Contos da ilha e do continente*. Seleção, organização, notas e prefácio de Valéria Lamego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SILVIANO BRANDÃO, Ruth & OLIVEIRA, José Marcos Resende. *Machado de Assis leitor* □ Uma viagem à roda de livros. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

SILVIANO BRANDÃO, Ruth. *A vida escrita*. Belo Horizonte: Poslit. UFMG& Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.